

QUEM ENSINA SOCIOLOGIA NO YOUTUBE? UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DO PERFIL DOS EDUTUBERS

WHO TEACHES SOCIOLOGY ON YOUTUBE? A QUANTITATIVE ANALYSIS OF THE PROFILE OF EDUTUBERS
¿QUIÉN ENSEÑA SOCIOLOGÍA EN YOUTUBE? UN ANÁLISIS CUANTITATIVO DEL PERFIL DE EDUTUBERS

Ricardo Cortez Lopes¹

Resumo: este é um estudo quantitativo do perfil de *edutubers* que lecionam sociologia na plataforma YouTube. Para este fim foram selecionados quarenta vídeos após a aplicação de alguns filtros, definidos por meio de uma revisão teórica. O referencial teórico do estudo foi o conceito de aula presencial de sociologia, que permitiu uma análise sistemática das aulas virtuais. Após uma primeira apreciação, foram criadas 7 variáveis e foi preenchido um banco de dados com base na análise desses vídeos em função delas. A partir disso foram procedidas análises univariadas (comparadas com dados da revisão bibliográfica), bivariadas e multivariadas desse banco. Os resultados apontaram para professores de diferentes formações e com distribuições determinadas dentro dos ensinos médio e superior.

Palavras-chave: ensino de sociologia; edutubers; YouTube.

Abstract: this is a quantitative study of the profile of edutubers who teach sociology on the YouTube platform. For this purpose, forty videos were selected after the application of some filters, defined by means of a theoretical review. The theoretical framework of the study was the concept of face-to-face sociology classes, which allowed a systematic analysis of virtual classes. After a first assessment, 7 variables were created and a database was filled out based on the analysis of these videos. From this, univariate (compared with data from the literature review), bivariate and multivariate analyzes of this bank were performed. The results pointed to teachers of different backgrounds and with determined distributions within the middle and higher education.

Keywords: teaching sociology; edutubers; YouTube.

Resumen: se trata de un estudio cuantitativo del perfil de edutubers que imparten clases de sociología en la plataforma YouTube. Para ello, se seleccionaron cuarenta videos luego de aplicar algunos filtros, definidos a través de una revisión teórica. El marco teórico del estudio fue el concepto de clases presenciales de sociología, lo que permitió un análisis sistemático de las clases virtuales. Luego de una primera evaluación, se crearon 7 variables y se llenó una base de datos a partir del análisis de estos videos en base a ellas. A partir de esto, se realizaron análisis univariados (comparados con los datos de la revisión de la literatura), análisis bivariados y multivariados de esta base de datos. Los resultados apuntaron a profesores de diferentes orígenes y con ciertas distribuciones dentro de la educación secundaria y superior.

Palabras-clave: enseñanza de la sociología; edutubers; YouTube.

¹ Docente da CMB Faculdade, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. rshicardo@hotmail.com.
<https://orcid.org/0000-0003-0808-7203>.

INTRODUÇÃO

O YouTube é uma plataforma de vídeos com inegável impacto cultural em muitas regiões do planeta, fenômeno que pode ser investigado empiricamente com os ferramentais teóricos da cibercultura de Pierre Lévy. A variedade de seus vídeos abrange muitas atividades e culturas humanas, o que o faz ser acessado por diferentes motivos por diferentes perfis de pessoas em diferentes momentos.

Um desses motivos pode ser o educacional: o site oferece uma miríade infindável de vídeos dessa temática em dezenas de línguas. Nosso foco é o estudo aprofundado do ensino de sociologia por youtubers educativos (*edutubers*) brasileiros. Este assunto é relevante na medida em que os professores youtubers estão disponíveis de maneira assíncrona para os alunos, que podem o utilizar para muitas finalidades - como, por exemplo, "livro didático" no suporte a sua aula presencial ou como única fonte de instrução para outros fins que não o de certificação, etc. Ademais, esse tema é significativo se considerarmos o contexto de pandemia e crescimento dos meios remotos de pesquisa e ensino.

O estudo foi de caráter quantitativo e analisou quarenta vídeos disponibilizados na plataforma YouTube. O referencial teórico do estudo foi o conceito de aula presencial de sociologia, como uma maneira de criar um parâmetro para a análise do fenômeno em tela. A ideia foi traçar tendências dentro das aulas virtuais oferecidas online, buscando evidenciar o perfil dos professores desse campo de atuação. Os critérios de seleção e de análise foram determinados teoricamente e estão descritos na próxima sessão.

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLOGIA

O fenômeno será abordado em termos da definição do que é o ensino de sociologia presencial, que é uma prática já consolidada e já refletida na bibliografia. Isso vai permitir colidir informações, práticas e teorias já conhecidas com essa prática virtual e, ademais, observar as semelhanças e as diferenças com o ensino formal normatizado.

No Brasil, o ensino de sociologia encontrou idas e vindas. A primeira manifestação da disciplina foi nos anos 1930, nos cursos superiores - embora anteriormente Rui Barbosa e Benjamin Constant já tivessem feito tentativas de inserir a sociologia nos currículos das escolas, porém não foram iniciativas nacionais. O ensino para os níveis de escolares demorou mais a acontecer, com os marcos se constituindo na Reforma Rocha Vaz (1925) e na Reforma Francisco Campos (1931), que enxergou a disciplina como um objeto de modernização do Brasil e a inseriu nacionalmente nos currículos. Ela foi retirada do currículo na Reforma Capanema (1942), e essa exclusão acontece até os anos 1980, culminando na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 1999, onde ela é citada como importante, mas ainda não era obrigatória. A compulsoriedade dela no Ensino Médio ocorre no ano de 2008 (OLIVEIRA, 2013), porém a Reforma do Ensino Médio de 2017 a tornou parte das Ciências Humanas, dentro dos percursos formativos. Ou seja, atualmente a sociologia escolar não é uma matéria obrigatória no currículo. A utilização de tecnologias em sociologia traz grandes benefícios - como a utilização de vídeos e a construção e aplicação de questionários - e desafios - como, por exemplo, encontrar informações

confiáveis e evitar falas de polemistas que possam vir a simplificar questões sociais complexas.

Posta essa revisão histórica, é possível indagar qual seria o conceito do ensino de sociologia presencial:

O ensino da Sociologia permite aos educandos a compreensão da sociedade brasileira de hoje - seu processo político, economia política, inserção internacional, problemas sociais, processo cultural, movimentos sociais, correntes ideológicas, partidos políticos, etc., mas não como realidades soltas, justapostas ou estéreis, e sim como uma totalidade, em seu funcionamento e em suas contradições; complexa mas não incompreensível; com sua história passada mas também com sua lógica atual de funcionamento e suas contradições (que apontam para o futuro). Permite-lhes a apreensão efetiva - ainda que em nível médio - de um corpo conceitual mínimo de análise dessa sociedade, não de modo descritivo, fotográfico ou fatual, mas sim de modo mais crítico, científico e penetrante. Permite aos estudantes terem não só consciência viva da profundidade e gravidade dos problemas e injustiças presentes na sociedade brasileira de hoje, mas também - e principalmente - a compreensão das principais teorias política que propõem alternativas de para onde transformar essa sociedade, de quem (ator social) deverá transformá-la e de como transformá-la - Correspondendo ao que se ensina nas "faculdades de ciências sociais", a Sociologia assim concebida é obviamente insubstituível para a formação do cidadão: não de indivíduos omissos, submissos ou despolitizados, mas sim de cidadãos realmente comprometidos com a luta pela

democratização econômica, política e cultural do país (MACHADO, 1987, p.115)

Ou seja, uma aula (ou um curso) de sociologia precisa buscar esse grande objetivo de compreensão da sociedade de um ponto de vista amplo, para possibilitar sua posterior transformação. Nesse sentido, para concretizar essa aspiração, exige-se: um professor habilitado (com uma formação teórica sólida), um espaço coletivo de aula (que funciona como um exercício para a formação de um cidadão por meio da convivência), uma instituição de ensino que garanta as outras disciplinas além da sociológica. Assim, cumpre perguntar: é executável um ensino dessa matéria com a infraestrutura virtual oferecida pelo youtube? Elegemos um conjunto de variáveis dentro da amostra que possam corresponder a essa estrutura pedagógica presencial. As três primeiras são variáveis de registro, que servem como armazenamento de informações digitais. As duas seguintes estão ligadas com a instituição e as duas últimas estão relacionadas com os professores.

Tabela 1: variáveis, descrição e tipo

Nome	Descrição	Tipo
Nome do canal	o canal é como se fosse a sala de aula onde as diferentes lições de sociologia passam, sucessivamente.	Registro
URL do vídeo	foi registrado o link para o vídeo analisado, que é como se fosse um diário de classe.	
Fonte	site de onde foram retiradas as informações da formação do docente; foi dada preferência para o currículo lattes. Nota-se, no entanto, que 12 professores não tinham registro nessa plataforma (30%), ou não foi possível os encontrar facilmente partindo das informações disponíveis. Cumpre notar que esse número teria sido maior se não tivéssemos entrado em contato por email pedindo a informação para alguns professores.	

Institucionalização	O professor está ligado a uma instituição de ensino ou ele está lecionando por iniciativa própria?	Instituição
Nível de ensino	O professor destina sua aula para ensino médio ou para ensino superior?	
Licenciatura	Aqui foram registradas as primeiras licenciaturas dos professores que não possuem formação em ciências sociais, e também alocamos o único curso que não era licenciatura (no caso foi o direito). Ocorreram alguns casos em que os professores possuíam mais de uma licenciatura; porém, em termos de pesquisa, consideramos apenas a primeira delas.	Professor
Qualificação	qual a titulação do professor que dá a aula?	

Fonte: autoria própria

Definido o banco de dados e montado o arquivo respectivo, procedemos a coleta dos vídeos que compuseram a amostra analisada. A busca foi iniciada por meio da digitação da chave /introdução Sociologia/ na plataforma youtube, cuja seleção e exclusão se deu por alguns critérios. O objetivo é que resultado da pesquisa atenda a critérios relacionados a quantidade de 'Likes', visualizações, comentários, além da periodicidade de postagem do canal - conforme aponta López e Aguilar-Forero (2020). E que tal processo não atenda a valores ligados a qualidade do conteúdo- o que pode ser abordado em estudos futuros. Tais critérios foram delimitados pela definição de YouTube:

[...] las personas que producen y difunden videos en YouTube, en canales dirigidos por ellos, conciertan periodicidad que les permite mantenerse activos en esta red social. El género o formato que practiquen puede variar, pero lo que sí se resalta es la importancia de que el personaje aparezca en cámara debido a que él es el protagonista del contenido. Por último, el título de

youtube termina otorgándosele el público, por lo cual debe consolidar un buen nivel de aceptación dentro de la comunidad de YouTube, evidenciada en seguidores y visualizaciones, para ser considerado como uno de ellos. Según esta definición, es claro que no cualquiera que suba videos a YouTube es un youtuber [...] se centran más en el contenido que en su propia imagen, se dedican a explotar un nicho específico, están apegados a la cultura de la participación y la inteligencia colectiva, y evidencian una fuerte actitud pedagógica. En otras palabras, se dedican a compartir conocimientos sobre algún tema (LÓPEZ AGUILAR, 2020, p.84 e 85)

Partindo dessa conceituação, estabelecemos que os critérios de exclusão seriam os seguintes: 1) as aulas deveriam ser voltadas exclusivamente para alunos assíncronos; 2) elas deveriam ser o primeiro de uma série de vídeos (que seriam a disciplina como um todo); 2) a figura do professor deveria aparecer no mínimo uma vez; 3) o titular da conta deveria ser dono da aula, não poderia ser a postagem de um terceiro; 4) as aulas não deveriam ser destinadas a algum ano do ensino médio em específico. A ideia foi isolar e descartar trabalhos escolares, postagens de aulas de outros professores, aulas presenciais filmadas ou vídeos pontuais que não fizeram parte de um planejamento mais amplo. Após a aplicação desses filtros e o encaixe dos vídeos nas categorias, no final do estudo foi de 40 casos:

Tabela 2: nomes dos canais e URLs analisadas.

Canal	URL do Vídeo
Se liga nessa história	https://www.youtube.com/watch?v=EsVjnTHq82s&t=1278s
Aula de	https://www.youtube.com/watch?v=bhWk00VHY5c
Sociologia com a Gabi	https://www.youtube.com/watch?v=Y77ebcEmiNw
TV Hexag	https://www.youtube.com/watch?v=M7s5rylwi-M
Parabólica	https://www.youtube.com/watch?v=Zdlrggd7keI
Filosofia Total com Prof. Anderson	https://www.youtube.com/watch?v=kZqTmsRqur4
Adonias Garcia	https://www.youtube.com/watch?v=XrCBhJxv3dk
Brasil Escola	https://www.youtube.com/watch?v=PRlnjYsRVw0
Stoodi	https://www.youtube.com/watch?v=rf5ARKii0ew
Prof.Vinicius_Tanalo usa	https://www.youtube.com/watch?v=oplwpjigLa8&t=103s
Me Salva	https://www.youtube.com/watch?v=5C5uea1VmKI
Descomplica	https://www.youtube.com/watch?v=hR79nxuKf5c
Historizando	https://www.youtube.com/watch?v=lniMdPtCikY
ProEnem	https://www.youtube.com/watch?v=dYi-o_0pQUc
Vestibulex	https://www.youtube.com/watch?v=pShkVtEYzPQ
Aprenderaulas.com	https://www.youtube.com/watch?v=vTPhkSid9aQ
História Online	https://www.youtube.com/watch?v=Y_xsAJ0rqEI&t=65s
Antonio Carlos Gomes Ferreira	https://www.youtube.com/watch?v=9vckN_XZRHQ
Sociovlog	https://www.youtube.com/watch?v=W1TZcNz9zJQ&t=577s
Wendell Barbosa	https://www.youtube.com/watch?v=vWb08CjGVgQ
Humanas em Foco	https://www.youtube.com/watch?v=-_zdiMkNar4
Explicando sociologia	https://www.youtube.com/watch?v=r_OleEGhk2Q
Aulalivre - Enem 2020 e vestibulares	https://www.youtube.com/watch?v=i2uzoutuJZBY&t=19s
Gilson Xavier de Azevedo	https://www.youtube.com/watch?v=szLWFDZ4SMY
Professor Alexandre Marques	https://www.youtube.com/watch?v=7e0OPq5OGQM
Curso Enem Gratuito	https://www.youtube.com/watch?v=WGqitcBrHck
João Alberto da Silva	https://www.youtube.com/watch?v=VmL9DF6vd0c
Ginga Videoaulas	https://www.youtube.com/watch?v=LGkk_2a1n4Y
Prof.Charles Camilo: Humanas ao alcance de todos	https://www.youtube.com/watch?v=P1asyqva-to
EAD FAMINAS	https://www.youtube.com/watch?v=-WuQy9QRUFg
Charles Camilo	https://www.youtube.com/watch?v=Qeah0kZF7Pk
Cursinho Alternativo UEPA	https://www.youtube.com/watch?v=0yb9Q6seXes&t=28s
Thales Rogério	https://www.youtube.com/watch?v=ud_A1qMgiS4
Explica Mais	https://www.youtube.com/watch?v=ecqk4uSgD2M
Projeto X	https://www.youtube.com/watch?v=E478YNmrGP8
SalvianoFeitoza	https://www.youtube.com/watch?v=kp1qHPCtHvg
Não Perca a Cabeça	https://www.youtube.com/watch?v=9bRqstWi85o
ANTROPOFÁGICO	https://www.youtube.com/watch?v=hV7cMZLvidk
Deliberações	https://www.youtube.com/watch?v=aFMMu1-b9eo
TV Poliedro	https://www.youtube.com/watch?v=X_U-JSFXRPQ

Fonte: autoria própria

A partir do banco de dados foram procedidas análises univariadas (comparadas com a literatura especializada) e análises bivariadas, além de análises multivariadas. Porém, antes da análise empírica, é importante visitar a construção teórica.

REFERENCIAL TEÓRICO: CIBERCULTURA, YOUTUBE E EDUTUBERS

As aulas online, que não concedem certificação ou titulação, são bastante acessadas porque correspondem a uma linguagem de uma cultura cibernética, elas respondem a uma demanda nem sempre respondida pela sala de aula tradicional. Assim, o que seria, então, a cibercultura, segundo formulação de Pierre Lévy? A cibercultura se trata da "informatização" da cultura no sentido de que ela deixa de ser apenas meio de comunicação, de transmissão de informações, e passa a ser doadora de códigos que se expressam utilizando a linguagem digital e, assim, criam significados. Desse modo, a internet acaba sendo uma área de trocas simbólicas que começam a pautar também a vivência *offline*.

A cibercultura necessita da construção de um ciberespaço para a circulação dos símbolos, e é ele que o otimiza para a inteligência coletiva. O que seria, portanto, esse ambiente?

O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se

desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 17)

Os dispositivos e suas respectivas informações circulantes fazem parte do ciberespaço, compondo técnicas e valores, em um verdadeiro “segundo dilúvio” de dados. Esse fluxo de identidades se reflete em uma “[...] cibercultura [que] expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 15). A questão é se isso pode contribuir para a Educação no sentido de emancipar o seu aluno. Pois, cumpre notar que a tecnologia, muitas vezes, produz dominação: “As máquinas a vapor escravizaram os operários das indústrias têxteis do século XIX, enquanto os computadores pessoais aumentaram a capacidade de agir e de comunicar dos indivíduos durante os anos 80 de nosso século” (LÉVY, 1999, p. 19).

Qual seria a característica mais marcante dessa cibercultura? Em primeiro lugar, há uma virtualização: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 1999, p. 47). Se a cultura *offline* se caracteriza justamente pela sincronia, a cultura virtual pode ser assíncrona, dotada de valores experimentados em outros tempos e espaços, o que é possibilitado pelo fluxo da informação: “o computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal e calculante” (LÉVY, 1999, p. 44). Assim, o computador dita o fluxo e armazena a informação a ser acessada de maneira desterritorializada por

diferentes indivíduos. A identidade, portanto, não se vincula a interação presencial.

Dessa maneira, o ciberespaço “Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso” (LÉVY, 1999, p. 92). Este ambiente possibilita o contato entre muitas pessoas, melhorando a colaboração na produção de cultura e de conhecimento - distribuído e não concentrado nas instituições educacionais e de pesquisa.

Cumprir notar que o crescimento desse ciberespaço ocorre por conta de três princípios fundamentais: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Com relação ao primeiro ente, ele se trata de “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa” (LÉVY, 2007, p. 212). Portanto, a interconexão corresponde a essa ligação por meio dos interesses. Sobre o segundo ponto, as comunidades desse tipo são caracterizadas por serem “[...] construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca” (LÉVY, 1999, p.127). Por fim, a inteligência coletiva se caracteriza pelas: “[...] afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LEVY, 1999, p.127). Baseia-se, portanto, na facilidade da troca de informações, o que permite a maior interação e a melhor resolução de problemas. Quando se trata de educação, portanto, “Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos

filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar” (LÉVY, 1999, p. 11). O ciberespaço é inescapável por sua apelação, o que as aulas virtuais respondem satisfatoriamente. e por isso o autor propõe:

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva (LÉVY, 1999, p. 158).

Dessa maneira, a cibercultura possibilita a construção de outros espaços para conhecimentos, novos modelos que consigam romper com a linearidade das instituições mais tradicionais. Assim, aulas em redes sociais (como o YouTube) podem servir como espaços alternativos de ensino-aprendizagem. O YouTube é uma opção, e vamos conhecer algumas características:

Das redes sociais de maior destaque – Facebook, YouTube, Instagram e Twitter –, o YouTube consiste em uma rede de interações mediadas por vídeos e comentários. Nessas interações, o vídeo configura-se como a produção do youtuber – produtor de conteúdo que atua na plataforma –, enquanto comentários configuram-se como produções dos usuários/consumidores. Tais interações são categorizadas pela

plataforma em quatro grandes grupos – Entretenimento, Conhecimento, Conexão e Identidade –, que consistem tanto em uma organização depreendida dos usos já instanciados na plataforma, quanto em um modo de delimitar sobre quais atividades novos produtores de conteúdo podem voltar-se. (GONÇALVES-SEGUNDO, ISOLA-LANZONI, 2020, p.87)

Portanto, o Youtube permite a interação por meio de vídeos e comentários, que são qualificados em 4 grupos, e o que nos interessa é diretamente o conhecimento. Estas mídias são bastante consumidas pelos usuários brasileiros, o que “[...] motivou a criação do termo *edutubers* para se referir a produtores de conteúdo do YouTube que se voltam a práticas educativas, sejam aulas propriamente ditas, sejam textos de popularização de conhecimentos científicos” (GONÇALVES-SEGUNDO, ISOLA-LANZONI, 2020, p.87). A educação também pode adentrar na cibercultura enquanto um dos códigos comunicativos intercambiáveis. Assim, é relevante indagar: como possivelmente é abordado o conteúdo educativo nessa plataforma?

Partindo dos recursos disponibilizados pela plataforma, a aula, uma vez gravada, estará disponível o tempo todo na plataforma, flexibilizando o horário de seu acesso; há também a possibilidade de se escolher o professor, sem precisar um grande investimento de tempo ou de finanças. Há também a possibilidade de o professor responder por via dos comentários, procedimento que mantém o registro da pergunta para outros usuários futuros, além de permitir uma interação entre eles próprios. Assim, a cibercultura pode facilitar alguns processos de ensino-aprendizagem, o

que o torna valioso mesmo que não forneça uma certificação formal.

Um último conceito a ser explorado é o de sincronicidade:

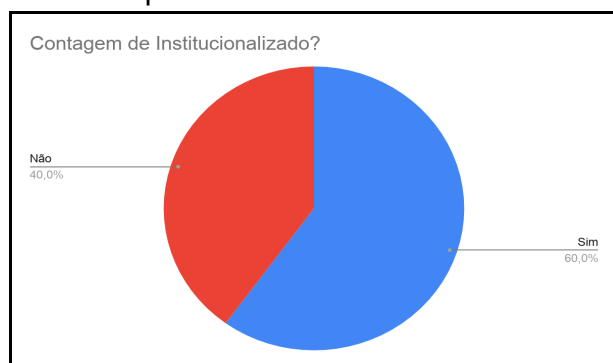
Neste tipo de comunicação a transmissão de informação ocorre de modo diferido, não exigindo, por isso mesmo, a disponibilidade ou a presença simultânea dos interlocutores. Além de permitir a comunicação e colaboração em tempos e espaços diferentes, permite ainda uma maior reflexão sobre a informação e os conteúdos produzidos e/ou acedidos (MARTINS, JUSTINO, GABRIEL, 2010, p. 3)

Ou seja, a comunicação síncrona é a aula presencial, que precisa da presença simultânea de professor e do aluno. Já a comunicação assíncrona é aquela que não exige esse contato pessoal, pois há o registro da informação em algum servidor, a ser acessado remotamente, o que pode prejudicar a imersão por um lado, porém facilita a consulta por outro. Como isso se refletiu nas análises?

ANÁLISE DAS UNIVARIADAS

Nesta seção vamos analisar as tendências dos gráficos univariados, focados em apenas uma das colunas do banco. No gráfico 1 essa relação está espalhada:

Gráfico 1: professores institucionalizados

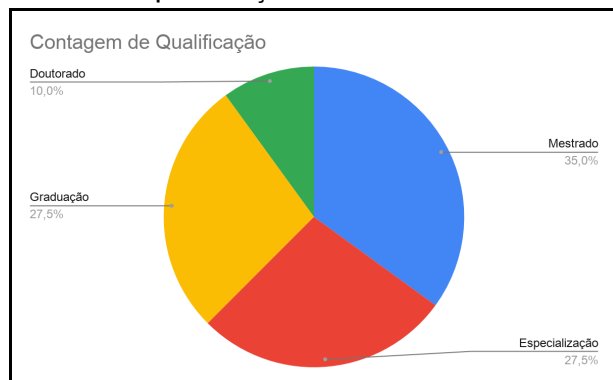


Fonte: autoria própria.

Vamos observar que a maioria das aulas de sociologia virtuais ocorrem em instituições de ensino formais, que possuem canais no YT ou que trabalham diretamente na internet. Isso quer dizer que elas estão demandando pelos profissionais, mais do que eles "empreendendo" por si mesmos. No entanto, mais adiante vamos observar que esses professores nem sempre são sociólogos, o que implica dizer que alguns deles tomam para si a tarefa de lecionar mais de uma disciplina, procedimento que as instituições aceitam antes de publicar o vídeo. Seria interessante, em estudos posteriores, investigar de quem parte a iniciativa de lecionar fora da área de formação: se é do professor ou da instituição, perguntando aos profissionais diretamente sobre a natureza do contrato e de como se deu o contato.

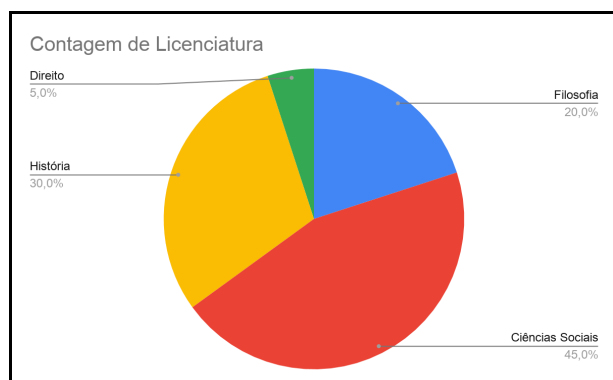
Cumpramos notar que o número de indivíduos detectados fora das instituições encontra ressoar na revisão bibliográfica, uma vez que o "país formou 1,148 milhão de docentes para o ensino básico entre 2013 e 2017. O número equivale à metade dos 2,226 milhões professores em atividade no Brasil atualmente, dos quais 1,751 milhão atuam na rede pública" (FOLHAPRESS, 2019, s/p). Assim, há muitos professores que se formam e poucas áreas de atuação, e isso fica evidenciado do volume relevante de professores fora das instituições formais.

Outro aspecto é a qualificação:

Gráfico 2: qualificação

Fonte: autoria própria.

Pode-se observar que a maioria dos professores (36%) possui mestrado como sua titulação máxima, seguido de especialização e graduação (27,5% cada). Implica ressaltar que há certo investimento na vida docente por meio de títulos, porém poucos chegam ao nível do doutorado (10%). Na literatura encontramos uma investigação parecida: “a maioria (42,5%) dos professores de Sociologia questionados que atuam no Ensino Básico não tem nenhuma formação complementar” (BODART, SILVA, 2016, p.179). Assim, os professores virtuais tendem a ser mais qualificados do que os presenciais na comparação entre esses dados. Ressalta-se que não consideramos a qualificação apenas na área das ciências sociais, pois isso ocasionaria que, por volta de 60% da amostra, ficasse de fora da análise, como mostra o gráfico 3:

Gráfico 3: licenciaturas

Fonte: autoria própria.

De fato, a maioria dos licenciados da sociologia *edutuber* são, de fato, formados em sociologia (ainda que não apenas em sociologia, o que apareceu algumas vezes como segunda graduação). Professores de história (30%) e de filosofia (20%) apareceram como lecionando a disciplina também em porcentagens bem significativas. A filosofia, provavelmente, por ocupar espaço similar nos currículos escolares, favorece intercâmbios com professores das ciências sociais; no entanto, os historiadores sentirem-se habilitados a lecionar por vontade própria é um fenômeno interessante ser investigado. Advogados (5%), apesar de não serem licenciados, também se aventuram na área, porém diretamente no ensino superior. Em uma comparação com os dados levantados por Bodart e Silva (2016), os autores encontraram que 61,3% dos profissionais em salas de aulas presenciais eram formados em sociologia ou ciências sociais (proporção maior do que os *edutubers*), 2,7% licenciados em filosofia, 5,8% em história e outra formação é 5,5%. Assim, na sociologia *edutuber* há mais historiadores e filósofos intervindo na área, o que pode ser explicado pela dinâmica assíncrona: é mais viável montar uma aula e responder a comentários assíncronos não concomitantes (com consulta) do que responder no momento presente ao aluno, na sincronidade.

É possível, também, comparar esses dados com um estudo posterior de outros autores:

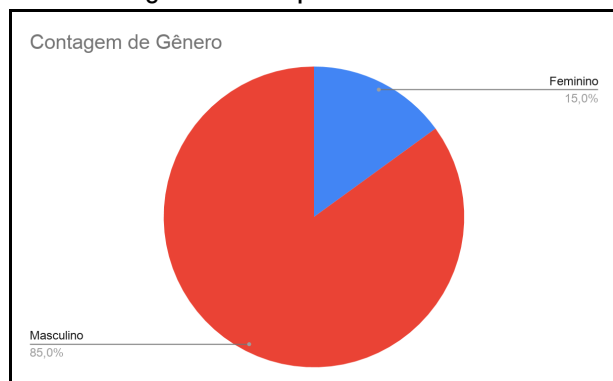
[...] destaque para professores com diversas formações superiores (44% do total), seguido por licenciados em História (20%), Pedagogia (12%), e Filosofia (10%). Entre os professores com formação em Ciências Sociais, apenas 10,9% deles possuem

licenciatura, 0,9 bacharelado com complementação pedagógica, e 1% bacharelado apenas. Ainda entre esses últimos, 0,7% e 0,2%, respectivamente, estão cursando licenciatura ou bacharelado em Ciências Sociais ao mesmo tempo em que lecionam a disciplina (RAIZER, CAREGNATO, MOCELIN, PEREIRA, 2017, p. 19)

A diferença diminuiu para 10 pontos percentuais em ambas as disciplinas. Isso provavelmente está ligado com o campo da história da educação: a base curricular nacional comum, aprovada nesse mesmo ano de 2017, ajudou a dar um novo papel para a sociologia, diferente de quando houve a sua volta em 2008. Assim, as estatísticas mudaram conforme o contexto cambiou.

Quanto ao gênero, exploramo-no no gráfico 4:

Gráfico 4: gênero dos professores



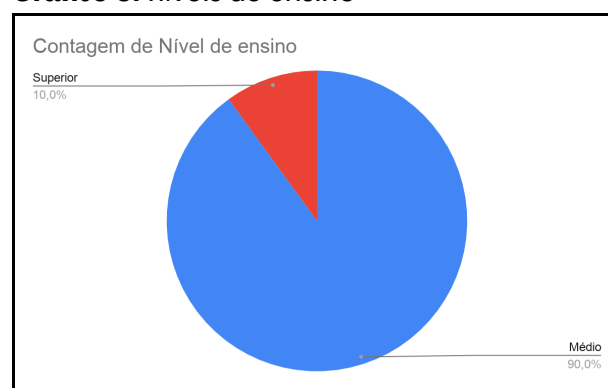
Fonte: autoria própria.

Nesse caso, o gênero masculino apareceu como o mais prevalente na amostra, o que torna possível comparações com outros estudos, tais como o que se segue: “Identificamos que a composição do docente brasileiro de Sociologia tem se modificado quanto ao sexo. Os docentes do sexo masculino gradativamente têm ampliado sua participação, que outrora predominantemente era feminina” (BODART,

SILVA, 2016, p.186). Assim, há uma contrariedade da tendência nessa área em específico, o que estabelece um traço diacrítico e levanta questões extras, como por exemplo, da percepção dos professores sobre a composição de gênero de seus colegas de graduação e o nível de contato entre esses professores e sua percepção sobre o grau de igualdade de gênero.

Por fim, foi possível investigar o público-alvo das aulas no gráfico 5:

Gráfico 5: níveis de ensino



Fonte: autoria própria.

A maioria absoluta das aulas destinou-se ao ensino médio. Possivelmente isso ocorra porque após a obrigatoriedade dessa disciplina, em 2008, ela foi ofertada em um número maior de instituições escolares do que nas universitárias. É interessante que não há estudos específicos sobre o padrão de espalhamento de professores de sociologia entre os ensinos básico e superior. Acreditamos que, na verdade, esse dado seja difícil de ser coletado atualmente por alguns motivos: 1) os bancos de dados desses níveis de ensino são separados - em bancos de diferentes instituições de pesquisa e 2) o fato de não haver correspondência entre diploma e docência dificulta esse tipo de levantamento. Assim, esta será o único levantamento que não será cotejado com estudos externos, porém apontamos para a

possibilidade de algum estudo futuro se focar nessa questão.

Esses dados, isolados, no entanto, constituem parte da resposta que buscamos. Relacioná-los nos conduzirá à outra parte da investigação do problema de pesquisa.

ANÁLISE BIVARIADAS E MULTIVARIADAS

Nesta seção vamos nos dedicar a estudar o cruzamento das variáveis do banco. Esse procedimento permite contextualizar os dados por eles mesmos e gerar um perfil mais numérico e relacional. O objetivo é concluir o traçado do perfil do edutuber.

A primeira dupla de variáveis é a da qualificação e gênero, na Tabela 3:

Tabela 3: qualificação x gênero

Qualificação	Feminino	Masculino	Total geral
Doutorado	2,50%	7,50%	10,00%
Especialização	5,00%	22,50%	27,50%
Graduação	2,50%	25,00%	27,50%
Mestrado	5,00%	30,00%	35,00%
Total geral	15,00%	85,00%	100,00%

Fonte: autoria própria.

Por esta tabela podemos perceber que os homens acabam constituindo ampla maioria em todas as qualificações propostas pelo sistema de educação brasileira (85%). A diferença mais expressiva se dá no nível do mestrado, onde há 25% de distância entre os investigados - embora seja o mestrado o título mais recorrente. Ou seja, nesse estrato os professores homens são a maioria e também estão, no geral, mais qualificados do que as professoras mulheres. Ressalta-se que

nem todas essas qualificações ocorrem na área de sociologia, o que diz mais respeito ao nível do título do que a especialização em si em um, como veremos adiante, processo de descolamento entre título e conteúdo de sua pesquisa ou profissionalização.

A tabela 4 diz respeito ao gênero e a institucionalização:

Tabela 4: gênero x institucionalização

Institucionalizado?	Feminino	Masculino	Total geral
Não	2,50%	37,50%	40,00%
Sim	12,50%	47,50%	60,00%
Total geral	15,00%	85,00%	100,00%

A maioria dos professores (47,5%), portanto, estão vinculados a alguma instituição de ensino, de modo que os homens (37,5%) tendem a criar canais independentes de instituições do que as mulheres (12,5%). No entanto, do grupo feminino, proporcionalmente mais mulheres tendem a tomar essa decisão do que homens (apenas 10 pontos percentuais), o que pode refletir condições de empregabilidade desses profissionais, objeto a ser investigado no futuro.

Outro aspecto interessante é o investimento na qualificação profissional, explorado na tabela 5:

Tabela 5: qualificação x licenciatura

Qualificação	Ciências Sociais	Direito	Filosofia	História	Total geral
Doutorado	5,00%	-	2,50%	2,50%	10,00%
Especialização	7,50%	5,00%	7,50%	7,50%	27,50%
Graduação	17,50%	-	-	10,00%	27,50%

Mestrado	15,00%	-	10,00%	10,00%	35,00%
Total geral	45,00%	5,00%	20,00%	30,00%	100,00%

Fonte: autoria própria.

A liderança em todas as titulações é dos cientistas sociais (45%), que vão mais atrás de qualificação do que seus colegas de disciplina (com o segundo lugar sendo 30%). Isso pode acontecer justamente por conta de que o formado para a docência de sociologia ele já estava previamente preparado, sem precisar necessariamente lecionar e aprender sobre outros campos - possivelmente o sociólogo possa dedicar-se também à pesquisa em sua área, uma vez que não precisa estudar outras disciplinas e nem as bases da sua. É claro, isso é verdade no tocante aos professores de sociologia que não lecionam outras matérias, algo que não pode ser determinado nesta investigação.

Será que os profissionais mais qualificados são os mais visados pelas instituições educacionais? A tabela 6 se dedica a esse tópico:

Tabela 6: qualificação x institucionalização

Qualificação	Não	Sim	Total geral
Doutorado	5,00%	5,00%	10,00%
Especialização	17,50%	10,00%	27,50%
Graduação	10,00%	17,50%	27,50%
Mestrado	7,50%	27,50%	35,00%
Total geral	40,00%	60,00%	100,00%

Fonte: autoria própria.

Os profissionais com doutorado dividem-se, igualmente, entre as instituições educacionais e iniciativas próprias (5%), demonstrando certo poder adaptativo aos

dois contextos. Os especialistas (10%) e os graduados (17,5%) invertem-se a si mesmos nessa relação, o que significa que os graduados tendem a se vincular mais às instituições do que os especialistas. Os mestres, segundo os dados, são os mais buscados pelas instituições educativas (27,5%), o que confirma a tendência (que é seguida em instituições *offline*) da busca de qualificação, porém sem incorrer no excesso de qualificação (como pode ocorrer com alguém com doutorado). Nesse caso, reforça-se a ideia de que um título de pós-graduação pode suplantar a falta de licenciatura na área, o que reforça a ideia de descolamento do título com seu conteúdo: se é um mestre *per se*, e não necessariamente mestre em sociologia, filosofia, geografia, etc.

Qual a circulação desses diferentes profissionais nos níveis de ensino? A tabela 7 nos responde a essa indagação:

Tabela 7: Qualificação x nível de ensino

Qualificação	Médio	Superior	Total geral
Doutorado	5,00%	5,00%	10,00%
Especialização	27,50%	-	27,50%
Graduação	25,00%	2,50%	27,50%
Mestrado	32,50%	2,50%	35,00%
Total geral	90,00%	10,00%	100,00%

Fonte: autoria própria.

O professor com doutorado (5%) é o que mais leciona no ensino superior, como é de se esperar, embora haja o mesmo número, somado, de professores com graduação (2,5%) e mestrado (2,5%) ocupando o mesmo espaço. Nesse caso, o mestre é o mais chamado (32,5%) para ministrar aulas no ensino médio, seguido

pelo especialista (27,5%) e pelo graduado (25%). Esses números podem dar o suporte às pesquisas que atestam que as instituições de ensino estão crescentemente mais exigentes com relação à titulação.

Nesta outra tabela, o 8, vamos cruzar as licenciatura e gênero:

Tabela 8: Licenciatura x gênero

Licenciatura	Feminino	Masculino	Total geral
Ciências Sociais	7,50%	37,50%	45,00%
Direito	-	5,00%	5,00%
Filosofia	2,50%	17,50%	20,00%
História	5,00%	25,00%	30,00%
Total geral	15,00%	85,00%	100,00%

Fonte: autoria própria.

Os homens são os mais formados em ciências sociais (37,5%), sendo as mulheres cinco vezes menos formadas na área - e não há nenhuma formada em direito. Elas também são menos numerosas na filosofia (7 vezes menos) e história (5 vezes menos). Isso significa que estão sendo atraídas para a docência edutuber de sociologia uma considerável gama de professores de outras áreas, possivelmente pela possibilidade de assincronicidade, tal como já foi ressaltado em outros momentos, tópico sobre o qual poderá se perguntar diretamente aos *edutubers* no futuro.

A última tabela bivariada, de número 9, é o da licenciatura e o nível de ensino:

Tabela 9: Licenciatura x nível de ensino

Licenciatura	Médio	Superior	Total geral
Ciências Sociais	37,50%	7,50%	45,00%
Direito	5,00%	-	5,00%
Filosofia	17,50%	2,50%	20,00%
História	30,00%	-	30,00%
Total geral	90,00%	10,00%	100,00%

Fonte: autoria própria.

Portanto, os licenciados tendem a lecionar para o nível ensino médio, e o historiador (30%) é o que tem mais chances de lecionar a matéria, o que talvez indique certa preferência destes profissionais pelo método sociológico, uma vez que os canais de história possuem, naturalmente, mais procura do que os de sociologia, dado que a carga horária e o peso da disciplina histórica são mais relevantes do que as da sociologia em ambiente escolar e em exames adicionais. A História, em si, já possui um currículo fortemente estabelecido e que poderia render muitos vídeos a um canal, o que não é o caso da filosofia, que também é recente. Filósofos (17,5%) também se aproximam da área, quase na metade da proporção dos historiadores. O mais interessante mesmo são os números dos professores do direito (5%), que vão se apropriando também da disciplina e a lecionam para ensino superior. Ou seja, se nos 3 primeiros casos há a proximidade pedagógica, no caso do direito há uma proximidade epistemológica, –, pois o curso se chame “Ciências Sociais e Jurídicas”.

Optamos também por realizar um cruzamento de três variáveis, como verificamos na tabela 10:

Tabela 10: qualificação x gênero x licenciatura

Qualificação	Licenciatura	Feminino	Masculino	Total geral
Doutorado	Ciências Sociais	2,50%	2,50%	5,00%
	Filosofia	-	2,50%	2,50%
	História	-	2,50%	2,50%
Doutorado Total		2,50%	7,50%	10,00%
Especialização	Ciências Sociais	5,00%	2,50%	7,50%
	Direito	-	5,00%	5,00%
	Filosofia	-	7,50%	7,50%
	História	-	7,50%	7,50%
Especialização Total		5,00%	22,50%	27,50%
Graduação	Ciências Sociais	-	17,50%	17,50%
	História	2,50%	7,50%	10,00%
Graduação Total		2,50%	25,00%	27,50%
Mestrado	Ciências Sociais	-	15,00%	15,00%
	Filosofia	2,50%	7,50%	10,00%
	História	2,50%	7,50%	10,00%
Mestrado Total		5,00%	30,00%	35,00%
Total geral		15,00%	85,00%	100,00%

Podemos observar que houve um equilíbrio entre os gêneros na questão do doutorado em ciências sociais, cada um com 2,50%, o que indica que a sociologia *edutuber* acaba sendo mais "democrática" na atuação de doutores. Os doutores da filosofia e da história são todos homens, o que contraria dados mais consolidados: "[...] é possível observar que as mulheres já são maioria

tanto nos cursos de mestrado (54,4% contra 45,5% de homens) como nos de doutorado (50,8% contra 49,2% de homens) em 2010" (ARTES, 2013, p.3). Já o número de especialistas mulheres das ciências sociais constitui no dobro dode especialistas, que, nas outras áreas, são todos homens também (e que superam o número dos especialistas em ciências sociais). Especialistas homens de outras licenciaturas, aparentemente, não mostraram interesse pelo ensino assíncrono de sociologia.

Adicionalmente, na graduação, apareceram cientistas sociais e historiadores, e a disparidade entre eles não é tão grande (7,50%) e as historiadoras aparentemente interessaram-se mais pelo ensino virtual do que seus colegas de graduação. Por fim, na categoria mestrado podemos observar a predominância masculina, de modo que as mestras não apareceram nessa cota com nenhuma porcentagem. Filósofos e historiadores foram representados com proporções idênticas: as mulheres tiveram frequência em 5% das aulas, enquanto os homens 15%. Esse é o inverso das tendências dos dados e pode indicar questões para investigação qualitativa.

Que análise se pode tirar desses dados? O perfil majoritário do professor *edutuber* é o de um professor de sociologia homem e mestre, ligado a alguma instituição educativa. Mas essa moda não dá conta da pluralidade do campo, também composto por outros licenciados que oferecem lições dessa disciplina em maneira assíncrona e com diferentes qualificações. Os gráficos evidenciaram padrões de carreira e de inserção, colocando os vídeos como parte de trajetórias de indivíduos. A sociologia *edutuber* aparece como área de disputa e de exercício discente, abarcando grande

variedade, e por vezes se funde com as ciências humanas e cria portfólio.

As ocorrências levantadas dão espaço para algumas reflexões, a serem aprofundadas posteriormente. A primeira delas é que, de fato, lecionar virtualmente é um exercício docente para os profissionais de sociologia em muitas partes do trabalho, especialmente no planejamento; no entanto, para outros profissionais, a aula de sociologia pode servir para criar “experiência” profissional em ciências humanas, além de favorecer os motores de busca - uma vez que o vídeo gera palavras-chave e o canal pode ser encontrado por meio delas. Assim, é vantajoso para qualquer professor ter aulas de sociologia em seu canal por motivos nem sempre pedagógicos. Nesse caso, a aula de sociologia adentra como um conteúdo disponível para um professor de humanidades, que pode ensinar assincronicamente - pois responder perguntas em tempo real necessita que o professor tenha um conhecimento prévio e profundo da disciplina, o que é possibilitado, na maioria das vezes, pela graduação. Cumpre notar que esse não é um fenômeno exclusivo na sociologia *edutuber*: no ensino presencial os professores já lecionam fora de suas áreas, porém a sincronidade os coloca em problemas diante de perguntas para as quais não houve preparo anterior.

Uma perspectiva futura é investigar qualitativamente esses *edutubers*, escutando-os diretamente, partindo doselementos que compõem a construção da aula, já que a internet disponibiliza a escolha gratuita e a lógica para manter a imersão inclui sedução e retenção, e não o certificado final. Nesse caso, além dos procedimentos pedagógicos, é importante avaliar elementos como a *thumbnail* disponibilizada, as roupas, o cenário e o uso dos recursos (lousa, slides,

montagens, vídeos, etc.). Ou seja, para além de estratégias pedagógicas há também estratégias comunicacionais envolvidas na condução da disciplina, pois o aluno pode simplesmente buscar outro professor na plataforma em poucos cliques.

Do ponto de vista financeiro, também é preciso investigar questões como 1) a construção de redes por meio do YouTube, 2) se essa atividade é considerada experiência profissional pelas instituições, 3) se há remuneração resultante da atividade para aqueles que atuam fora de instituições (por meio de anúncios) e 4) se o professor institucionalizado segue recebendo remuneração a cada reprodução de aulas. Assim, trata-se de uma atividade que aumenta as possibilidades de atuação para além da sala de aula tradicional? Dependendo destes resultados, é possível analisar se há um novo nicho de atuação ou se há apenas um complemento das atividades presenciais, um reforço delas.

Outra reflexão se dá com relação ao espaço formal de ensino: seria a aula virtual um espaço desse tipo? Segundo a definição mais estabelecida

[...] a educação não-formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido (VIEIRA, BIANCONI, DIAS, 2005, p.21)

Nesse caso, um vídeo de educação é difícil de ser encaixado dentro desta conceituação, pois, do ponto de vista epistemológico, o conhecimento é o mesmo da sala de aula formal (mesmo que sem o exercício da cidadania e da interação social);

do ponto de vista físico, estaria fora da sala de aula, no entanto há uma função idêntica (excetuando-se a parte da certificação, pois não concede necessariamente um título ao aluno). Assim, uma aula virtual que não concede certificação poderia ser caracterizada como uma aula expositiva de reforço e/ou reenfoque cuja avaliação é realizada "ex-machina", em algum exame admissional como Exame Nacional do Ensino Médio, o que aparta a avaliação do processo geral de ensino (LOPES, 2018). A remuneração do professor seria a visualização, curtida e comentário, que podem ser revertidas para recursos financeiros. Não há, portanto, nenhum vínculo formal que mantenha o contato, o que obriga o professor a buscar outras estratégias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tratou-se de um estudo quantitativo dos *edutubers* de sociologia, youtubers que lecionam a disciplina na rede social YouTube. Buscamos por produções que se dedicavam a realizar uma introdução à sociologia, selecionamos quarenta de acordo com os critérios eleitos teoricamente e daí derivamos um banco de dados cujas variáveis também foram determinadas por meio de formulação teórica. Analisamos, num primeiro momento, as variáveis por si mesmas e, posteriormente, as relacionamos em duplas e em trios.

Os resultados apontaram que, como modal, esse professor tende a ser homem, mestre, formado em sociologia e trabalhar para alguma instituição de ensino. No entanto, pode-se perceber um grande pluralismo dentro do campo em questão de perfil das formações, o que indica que a docência *edutuber* de sociologia é bastante

disputada, o que a torna, muitas vezes, uma expressão das ciências humanas no geral e torna sua existência subordinada a elas. Por essa leitura as aulas de sociologia legitimam o foco em humanidades do canal, porém não é estritamente necessária a presença do cientista social ou do sociólogo.

Um ponto interessante é que foi bastante trabalhoso encontrar as qualificações dos professores, pois os mesmos não os disponibilizaram nas descrições de vídeos, como se elas não fossem relevantes para estabelecer credibilidade. A maioria das vezes foi possível encontrar os currículos em motores de busca, mas alguns não foram encontrados na Plataforma Lattes, e sim na rede social LinkedIn (e uma minoria foi encontrado em outros sites que não são relacionados a assuntos profissionais); essa dificuldade pode indicar algumas questões próprias do campo da sociologia *edutuber*; pois, se por um lado, as instituições de ensino garantem a qualificação dos profissionais por meio dos certificados e das inspeções do Ministério da Educação e da Cultura (MEC), por seu turno os *edutubers* não estão disponibilizando suas formações, o que aponta para outras formas de legitimação. Parece, portanto, que não é só o aluno que está invisibilizado na relação: o professor também acaba invisibilizado tanto por meio da multiplicação (na sua oferta) quanto pelo anonimato de sua qualificação. Ou seja, o diploma não interessa tanto: o aluno vai começar a assistir a aula e, se não a considerar agradável para seus fins, vai trocar de professor. Assim, a relação nos parece um tanto líquida: o que importa é o conteúdo em si e menos o professor em si, ao menos nos primeiros minutos, o que explicaria a falta de esmero em demonstrar a qualificação. Será que a disciplina sociologia pode se consolidar ainda mais entre os

estudantes de nível médio devido à sua disponibilidade na internet por meio das aulas virtuais? Possivelmente sim, mas seria interessante comparar o número de visualizações desses vídeos com o de outras disciplinas, outro ponto possível de pesquisa futura, dessa vez em mirada quantitativa.

Concluimos um texto com uma reflexão mais ampla. Na perspectiva de Levy, o *edutuber* ajuda a canalizar as informações do novo dilúvio e criar uma emancipação. Isso serve para reforçar o argumento do autor de que a tecnologia pode, de fato, tanto dominar quanto emancipar. O acesso massivo a essas aulas online constitui evidência de que a instituição escola pode estar sendo encarada como espaço de dominação, enquanto o *edutuber* pode estar sendo flexível para a identificação do indivíduo aluno. Nesse caso, a disciplina adquire uma chance de se descolar do espaço escolar e adquirir uma existência própria.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica. **Acta Scientiarum. Education**, v. 35, n. 2, 2013, pp. 179-189
- ARTES, Amélia Cristina Abreu. Estudantes de pós-graduação no Brasil: distribuição por sexo e cor/raça a partir dos censos demográficos 2000 e 2010. **Reunião Anual da ANPED**, v. 36, n.2, p.1-16, 2013.
- BODART, Cristiano das Neves; SILVA, Roniel Sampaio. O perfil do professor brasileiro de sociologia do ensino médio e sua percepção da condição docente. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 18, p. 168-189, 2016.
- FOLHAPRESS. Brasil corre risco de ter professores desempregados em excesso, diz economista. 2019. **Atual Amazonas**. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/brasil-corre-risco-de-ter-professores-desempregados-em-excesso-diz-economista/>. Acesso em 12/10/2020.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34, 2009.
- LÉVY, Pierre. **Inteligência coletiva**. São Paulo, Edições Loyola, 2007.
- LOPES, Ricardo Cortez. A INSTITUIÇÃO INCORPORADA? fiscais de vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o ritual. **Contraponto**, Porto Alegre, v.5, n.1, pp.45-68, 2018.
- MACHADO, Celso de Souza. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira: levantamento preliminar. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 13, n. 1, p. 115-142, 1987.
- MARTINS, Ana Bela Jesus; JUSTINO, Ana Cristina Fernandes Cortês Santana; GABRIEL, Graça da Conceição Filipe. SBIDM: comunicação síncrona, assíncrona e multidireccional. In: **Actas do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas**. 2010.
- PÉREZ, Lorena. NARRATIVAS AUDIOVISUALES: YOUTUBERS Y EDUTUBERS. In: **XXI Congreso de la Red de Carreras de Comunicación Social y Periodismo**. Dissertação em Comunicação, Arequipa, UNSa, 2019.
- LÓPEZ AGUILAR, José Luis. **El fenómeno de los edutubers: Estudio sobre las habilidades comunicativas de los youtubers educativos más populares**. Tese de Doutorado, Comunicação, Universidade Austral, 2020.
- GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; ISOLA-LANZONI, Gabriel. A Terra é plana?: uma análise da articulação entre argumentação epistêmica, multimodalidade

e popularização científica no YouTube. *Redis: Revista de Estudos do discurso*, v. 8, n.3, 2020.

RAIZER, Leandro; CAREGNATO, Célia Elizabete; MOCELIN, Daniel Gustavo; PEREIRA, Thiago Ingrassia. O ensino da disciplina de Sociologia no Brasil: diagnóstico e desafios para a formação de professores. *Revista espaço acadêmico*, v.16, n.160, p. 15-26, 2017.

VIEIRA, Valéria; BIANCONI, M. Lucia; DIAS, Monique. Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências. *Cienc. Cult.*, v.57, n.4, p. 21-23, 2005 .